

BOB MARLEY É MUITO IMPORTANTE

Thais Machado¹

RESUMO

O trabalho aqui apresentado surgiu a partir de um episódio vivenciado por um adolescente, estudante da rede pública de ensino, que ao portar um boné com a imagem do grande ícone do reggae jamaicano, Bob Marley, foi abordado por uma professora da escola, a qual se referiu ao regueiro de forma discriminatória e o definiu como drogado. Tal experiência será tratada aqui com a perspectiva e problematização de que o fato ocorrido se enquadre como manifestação do preconceito e discriminação racial, que representa violação dos direitos dos alunos, trazendo consigo obstáculos ao processo educacional, e será a experiência aqui, analisada justamente como um território. Este artigo tem como debate a questão do desafio pela construção de um projeto escolar de educação comprometido com a transformação social e a superação de desigualdades estruturais de nossa sociedade. Para enfrentá-lo é preciso se por incansável e perseverante na insistência pela reflexão do problema e pelo próprio debate, e no desenvolvimento de estudos e de problematizações que possam contribuir para uma efetiva mudança, na qual se possa recolocar a história, a cultura e a identidade de povos que historicamente tem sido negado, insultados e subordinados.

Palavras Chaves: Bob Marley, Educação, Racismo.

ABSTRACT

The work presented here arose from an episode experienced by a teenage student in a public school system, which when porting a cap with the image of the great Jamaican reggae icon Bob Marley, was approached by a school teacher, that referred to him in a discriminatory way and defined the musician as drug-addicted. This experience will be treated here with perspective and questioning that that act classified as a manifestation of prejudice and racial discrimination, which is violation of the rights of students, bringing obstacles to the educational process, and will be the experience here analyzed precisely as a territory. This article is to discuss the issue of the challenge for the construction of a school project of education committed to social change and overcoming structural inequalities of our society. To face it, one must be tireless and persevering in the insistence by the reflection of the problem and the debate itself, and the development of studies and problematizations that can contribute to an effective change in which

to replace the history, culture and identity of people who have historically been denied, insulted and subordinated.

Key Words: Bob Marley, Education, Racism.

INTRODUÇÃO

Com efeito, sem assumir nenhum complexo de culpa, não podemos esquecer que somos produtos de uma educação eurocêntrica e que podemos, em função desta, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade.

Kabengele Munanga

Iluminem a Escuridão!

Bob Marley

A disputa com o mundo ocidental, aquele que empreendeu a colonização e toda violência que ela conferiu a realidade social é desleal e desgastante, e continua eficaz. Meu filho de 13 anos, estudante da rede pública de ensino chega com a novidade destes dias da escola. Mãe, minha professora disse que Bob Marley era um drogado, lembrei da senhora que gosta tanto dele. Fiquei por alguns minutos suspensa! Sua professora se referiu dessa maneira a Bob Marley Luiz? Sim, minha professora de Educação Física, a gente estava na porta da escola e ela reparou no meu boné aba reta de Bob. O que você respondeu? Ah, fiquei meio sem resposta e sem graça. Em meio ao que senti no momento, passou um filme da realidade em mim. Meu filho ouviu na escola em que estuda todos os dias, da professora com quem deveria aprender muitas coisas, que Bob Marley é um drogado. Quanto destas visões são repetidas cotidianamente e quanto conhecimento é negado aos jovens como meu filho? Pergunto a Luiz o que ele sabe sobre Bob Marley, e ele responde, sei que a senhora gosta dele, que ele canta reggae[...] Seria ótimo uma aula em sua escola sobre Bob Marley, penso eu. Sentei com Luiz pra falar um pouco sobre Reggae, Pan Africanismo, Rastafarianismo, Jamaica, Bob Marley.

O Reggae é um ritmo musical oriundo da Jamaica e chegou ao Brasil em meados da década de setenta se emaranhando ao conjunto de manifestações que emergiam em nome de uma cultura negra que se afirmava intensamente, explico. Bob Marley, Peter Tosh e outros nomes importantes da música reggae, encarnavam a estética de um mundo negro criativo, cheio de orgulho de pertencer a uma herança africana.

O Reggae aliado ao Rastafarianismo jamaicano representa mais que um ritmo musical e uma religião, sendo também um estilo de vida para aqueles que o compõe, na qual se operam visões de mundo que se relacionam com uma identidade negra e do terceiro mundo. Emergido das favelas de Kingston na Jamaica, o Reggae se constituiu como uma contracultura e um dos principais meios de denúncia sobre questões relevantes para o povo negro e periférico. Meu filho arregala os olhos de espanto e interesse, como se se perguntasse: nossa! tudo isso? Pois é, não estou inventando e nem exagerando nada por simpatia Luiz, Bob Marley e sua obra são realmente importantes e seria também muito importante que ele, o reggae e tudo isso fossem conhecidos a partir de uma perspectiva bem diferente da que você ouviu de sua professora, e a razão pela qual isso não acontece é o racismo operando, o lugar de hegemonia e domínio que a perspectiva racista do mundo ocidental exerce sobre o conhecimento. Então minha professora é racista, pergunta ele. Sim, ela é, e acredito que todos os outros professores também possam ser, e a direção, pais de alunos etc.

O racismo é estrutural e estruturante, muitas teorizações e valores que se fixaram no imaginário social e na nossa cultura, legitimam muitas formas de preconceito e racismo dos quais são perpassados na nossa formação. Estou confuso, interrompe Luiz, minha professora é racista só porque não gosta de Bob Marley? Ou o racismo faz com que as pessoas não gostem de Bob Marley? Sim, é isso filho. O racismo silencia e descarta a existência positiva de Bob Marley, a história que estava conversando com você. O racismo discrimina a cultura de Bob Marley e o ataca, ofende e o diminui enquanto um drogado, como você ouviu. O racismo fala mal de sua estética, deturpa seus saberes, explora o seu povo. O racismo faz com que você nunca possa saber sobre Bob Marley e outras pessoas importantes da história humana pelo fato de que elas não são brancas, e neste caso, não pertence à civilização eleita como detentora do conhecimento. O racismo elabora o tempo inteiro o imaginário, que se refaz racista, a cada nova teorização e reafirmação desta estrutura. O racismo não quer que Bob Marley seja celebrado, pois esse é seu infortúnio. Jovens como você estão sendo ensinados a desprezar Bob Marley e a admirar outras pessoas, e as ideologias racistas é que estão determinando quem deve ser admirado.

Acabamos mais ou menos por aí e Luiz foi fazer outra coisa. Parece que ele gostou do momento que tivemos juntos, das coisas que ouviu. Pode ser até que ele saiba agora um pouquinho a mais sobre Bob Marley e venha a dizer o que sabe para outros colegas. Pode ser que comentários como o da professora sobre esse assunto não o atinja mais com a mesma força, não sei. Não poderei intervir em todos os momentos, por isso era preciso, e não estou a dizer nenhuma novidade, que o projeto de educação fosse firmado por nós como o de agonizante urgência.

O EDUCADOR, SUA AGÊNCIA E IDEOLOGIA...

Quero transcrever uma conversa com a coordenação pedagógica da escola em questão, na qual sucedeu-se o fato ocorrido com meu filho.

Boa Tarde, sou mãe do aluno Luíz Alberto de Souza do 7º ano.

Boa tarde, pois não.

Meu filho me relatou que sua professora de Educação Física, na última semana o abordou para comentar sobre o boné que estava usando e continha a imagem do regueiro Bob Marley. Na ocasião, ela o repreendeu dizendo que Bob Marley era um drogado. O que a senhora acha do ocorrido?

Bom, acredito que ela esteja preocupada com o aluno e que apenas tenha expressado sua opinião.

Se a senhora me permite, minha vinda até aqui foi justamente por estar preocupada com meu filho e os outros jovens, diante da abordagem feita por uma educadora. A senhora concorda com o comentário da professora?

Não estou entendendo, e na verdade sei que esse Bob Marley é um rapaz com cabelo estranho e nada mais, não acho tão relevante assim.

Eu gostaria de propor uma aula sobre Bob Marley aos alunos do 7º ano, é possível?

A senhora tem formação em licenciatura, é professora?

Não.

Impossível minha senhora, não temos esta proposta elencada em nosso cronograma.

Tudo bem, obrigada.

A conversação acima demonstra uma realidade bastante problemática. É possível considerar que a coordenação pedagógica ou está alheia às novas legislações e formações para as experiências pedagógicas, ou mesmo ciente as ignorou. Ou possa simplesmente não ter atentado para que a questão em si estivesse relacionada com o processo educacional e as questões pertinentes a perspectiva pedagógica que inclui a discussão racial, que visa pluralidade, ao respeito às diferenças e ao reforço da identidade racial. Dizendo isto, falamos de um projeto pedagógico que norteia a perspectiva de uma escola que deve ir além de uma concepção eurocêntrica, no sentido de ser uma proposta que visa corrigir desigualdades históricas no trato da educação, como também combater os epistemicídios no campo do conhecimento. Esta perspectiva, sensibilidade e este compromisso não é uma empreitada fácil, porém não é impossível. Um dos caminhos para a sua concretização poderá ser o desenvolvimento de um olhar atento desses educadores, ao que se apresenta como possibilidade de aprendizado e sobre o

que alunos e a comunidade em geral têm a dizer sobre as suas vivências corpóreas e suas visões de mundo, como no episódio trabalhado neste artigo.

Falo de milhões de homens
em quem deliberadamente inculcaram o medo,
o complexo de inferioridade, o tremor,
a prostração, o desespero, o servilismo.

(Aimé Césaire, Discurso sobre o colonialismo)

Se rememorar minha trajetória escolar jamais encontrarei qualquer experiência em sala de aula que tivesse me apresentado um escritor africano. Não posso recordar que me foi citado alguma liderança política de mulher ou homem negro ou indígena, nenhum artista, nenhum intelectual, nenhuma referência, que não tenha sido Zumbi, certamente em dia comemorativo da abolição da escravatura. Assim se faz e se é a educação e o processo de aprendizagem na escola em minha época e atualmente, salvo pequenas mudanças resultantes tanto de uma produção significativa de estudos, que, afinal, adotaram como *locus* de exame a relação da educação com as desigualdades estruturais, quanto um crescente aparecimento de propostas educacionais. Tais experiências refletem as mudanças consideráveis relacionadas à dimensão das desigualdades raciais no Brasil.

O racismo e seus reflexos na distribuição dos recursos são elementos estruturantes da desigualdade social no Brasil. O peso de seus efeitos é reafirmado por meio da evidenciação estatística de sua magnitude. A persistência da diferenciação racial no acesso a serviços públicos, na aquisição de capacidades e na posição social desvela as consequências da atuação sistemática de mecanismos de produção e reprodução das desigualdades em vários campos da vida social. Em resposta a este quadro, na última década, instalaram-se e intensificaram-se instrumentos e políticas de promoção da igualdade racial por todo o país (Ipea, 2010).

A questão aí já é conhecida por muitos de nós, embora, como foi demonstrada aqui, a educação de crianças e jovens ainda seja pautada gravemente na naturalização das teorizações preconceituosas e na indiferença e não compromisso muitas vezes subjetivo e ideológico por parte de alguns educadores. Quando a lei 10.639/2003 foi proclamada, a impressão a princípio, era que obrigatoriedade recairia apenas sobre o trabalho dos professores da Educação Básica que, a partir dali, teriam que dar conta de todas as lacunas de sua formação no que se referia à história da África e dos negros no Brasil e às relações raciais na escola. Segundo o intelectual Kabengele Munanga:

Partindo da tomada de consciência dessa realidade, sabemos que nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e

outros materiais didáticos visuais e audiovisuais carregam os mesmo conteúdos viciados, depreciativos e preconceituoso em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental. Os mesmos preconceitos permeiam também o cotidiano das relações sociais de alunos entre si e de alunos com professores no espaço escolar. No entanto, alguns professores, por falta de preparo ou por preconceitos neles introjetados, não sabem lançar mão das situações flagrantes de discriminação no espaço escolar e na sala como momento pedagógico privilegiado para discutir a diversidade e conscientizar seus alunos sobre a importância e a riqueza que ela traz à nossa cultura e à nossa identidade nacional.(MUNANGA, 2005, p. 15).

Seguramente sabemos que nenhuma legislação por si só é capaz de produzir transformações, especialmente no campo da produção e transmissão de conhecimentos que por séculos foram ocultados e ou colocados a margem. O desafio neste caso é imenso. É imprescindível que programas para formação e qualificação sejam alargados e implementados, para que promova aos educadores o interesse pelos estudos que articulam educação, cultura, identidade e relações raciais.

E nesse caminho, equacionar alguns aspectos e abranger as muitas nuances que envolvam tais questões na escola. Lamentavelmente, nem sempre se dá a essas dimensões simbólicas a necessitada atenção dentro do ambiente escolar e, quando o fazemos, nem sempre as consideramos dignas de investigação científica e merecedoras de um trato pedagógico. Nesse sentido, uma das passagens para a ampliação do estudo da questão racial na educação, na tentativa de envolver a sua relação com o universo simbólico, pode ser a construção de um olhar mais dilatado sobre o conhecimento e o aprendizado como processo de humanização, que possa incluir os processos educativos que não estão habitualmente na escola.

A EXPERIÊNCIA...

É habitual pensar a educação da perspectiva que relaciona ciência e a técnica ou, outras vezes, do ponto de vista da relação entre teoria e prática. Se o binário ciência e técnica enviam a uma perspectiva positiva, o par teoria e prática remetem especialmente a uma perspectiva política e crítica. É na segunda perspectiva que talvez se tenha ainda maior sentido a palavra “reflexão” e a palavra transformação. Se na primeira alternativa as pessoas que trabalham em educação são arquitetadas como sujeitos técnicos que opera mas diversas técnicas pedagógicas produzidas por uma ciência, e por especialistas desta ciência, na segunda opção estas mesmas pessoas aparecem como agentes críticos que, equipados de distintas táticas e experiências reflexivas, se comprometem, com maior ou menor êxito, com processos educativos concebidos na maioria das vezes sob uma perspectiva emancipadora.

Ao imaginar a aula que poderia ser feita sobre Bob Marley, imaginei a experiência dos alunos. Imaginei como teria sido se em minha formação uma aula sobre Bob Marley tivesse sido

ministrada por qualquer um de meus professores. A experiência de ter sido alguém que gostava de Bob Marley teria sido outra, não aquela tão naturalmente marginalizada e desdenhada, como foi também a do meu filho em dias atuais. A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar para aprender, descobrir, analisar, relacionar, parar para sentir, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, enxergar, escutar aos outros, cultivar o encontro, os diversos saberes, ter paciência, humanizar-se.

A experiência está atrelada ao sujeito da experiência e é neste ponto que eu invoco os educadores. O sujeito da experiência seria algo como um lugar de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece atinge e produz alguns efeitos e afetos, registra determinadas marcas, deixam alguns sinais. Seja como território de tudo isso e como espaço do acontecer, o agente da experiência se determina por sua disponibilidade, por sua abertura e por aquilo que conseguirá imprimir e afetar. Aí está para mim a grande questão no que tange a situação que foi trazida neste trabalho. Os agentes da experiência estão em cena. A professora, o filho, a mãe, a coordenadora.

Devemos prever as implicações complexas que estão postas no impedimento para as transformações que ao longo destas décadas têm sido empreendidas para a superação da educação vigente.

Neste trabalho, que se debruçou analiticamente sobre uma situação que aponta que aspectos como reestruturação do sistema gerencial das escolas, incentivo da participação da comunidade, reforma curricular, formação e qualificação pedagógica são necessários, algo já comprovado por uma literatura e pesquisas estatísticas, descobrimos também que outro recurso, tão igualmente importante a ser percebido, estimulado e desenvolvido é o da experiência e a do sujeito da experiência. O saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou da ausência do sentido do que nos acontece e isto, ao que se verificou, está profundamente ligado à existência de um sujeito ou de uma comunidade particular. O saber da experiência pode ser um saber subjetivo, relativo, eventual, pessoal. E duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não arranjam a mesma experiência.

O evento, o fato, o episódio, como foi este colocado aqui, pode ser comum, o próprio aparelho, estrutura e recursos podem estar ali ao alcance e disponíveis, mas a experiência, o que se fará com tais recursos, é para cada qual sua, singular. O conhecimento da experiência é um conhecimento que não pode separar-se do sujeito. Não está, como o conhecimento científico, este que apontamos como necessário para que as transformações que esperamos.

Este conhecimento, que certamente é urgente e fundamental para o desenvolvimento de nossas mudanças, está fora de nós, e poderá somente tornar substância concreta, na atitude como configura um indivíduo, um caráter, uma sensibilidade. Foi desse modo que a experiência do

meu filho foi por um lado a do constrangimento através da professora e a do conhecimento através de mim.

Um professor tem em sua função o status de detentor do conhecimento e saber. A escola é o lugar do aprendizado, mas ela pode ser encarada, da maneira que está, como o lugar da experiência de exclusão, de violação, de desumanização. A escola continua colonizadora e branca, mesmo depois de tornarmos obrigatória a inclusão das legislações aqui citadas, que são o ensino da História de África e Cultura Afro brasileira e Indígena, para que fique claro.

Os sujeitos das experiências, que apostamos para a formação que lhes é imprescindível e reservamos o compromisso e a esperança de sua ética, podem ser agentes do bloquear, dificultar, impedir. Assim as coisas estão dadas. Volto a imaginar a experiência da aula sobre Bob Marley. A imensa diferença que faria se na escola se aprendesse sobre a história do reggae, do Panafricanismo, de Bob Marley, Peter Tosh, Rita Marley, Luke Duby, Jimmy Cliff, numa perspectiva inversa a essa da experiência do racismo.

Quantas experiências meu filho está perdendo em detrimento de outras. Enquanto eu ligava o computador e colocava Bob Marley para ouvir, em nome de sua memória, ainda com o peito apertado, Luiz me aborda e diz: quero outro boné aba reta do Bob Marley, ainda mais bonito. Eu digo, tenho um filme aqui sobre ele no computador, podemos ver. Massa, responde. A música toca, vamos em frente!

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria Especial de Política de Promoção da Igualdade Racial, 2005.

Fernando César Ferreira Gouvêa; Luiz Fernandes de Oliveira; Sandra Regina Sales. organização **Educação e relações étnico-raciais: entre diálogos contemporâneos e políticas públicas / - 1. ed.** - Petrópolis, RJ : De Petrus et Alii ; Brasília, DF: CAPES, 2014.

GUATTARI, F. **Sobre a produção da subjetividade**. (S. Rolnik, Trad.). Texto mimeografado usado em curso de pós-graduação em Psicologia da PUC-São Paulo, 1986.

LINS, Jacqueline Wildi. **Para uma história das sensibilidades e das percepções: vida e obra em Valda Costa**. 2008. 294 f. Tese (Doutorado em História Cultural) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008